**“AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS EM CRIANÇAS SURDAS COM IDADE PRÉ-ESCOLAR”**

**Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI  
 Alane de Souza  
 Bruna Saraiva  
 Dully Gunther   
 Mayssa Velasco.**

**Profº Taís Bueno Dorneles**

Letras/Libras LBR0035 – Prática do Módulo I  
07/12/2017

**RESUMO**

*Este trabalho tem por objetivo elucidar um pouco mais sobre como uma criança surda pode adquirir a língua de sinais, quais seus processos de aquisição linguística, como a família e a escola são importantes neste processo, dando alicerce para um aprendizado eficaz. Realizou-se uma pesquisa sobre o processo de aquisição da língua materna, L1, Libras em crianças surdas e qual desenvolvimento no convívio do meio familiar e escolar. O texto foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica com autores experientes na área da surdez e área da linguística da língua de sinais e uma pesquisa empírica a surdos adultos, aonde foi relatado suas experiências com seus filhos sobre o uso da língua de sinais. No ambiente escolar não é satisfatório unicamente a verificação da adição de uma nova língua, a Libras, mas a compreensão de que essa deverá ser abrangida no currículo e no programa escolar. Traz-se a língua de sinais como protagonista na vida da criança com surdez, para um processo evolutivo de aprendizagem com eficiência, para posteriormente na vida adulta este sujeito possa atuar com autonomia na sociedade.*

**Palavras-chave:** Libras, crianças, surdez, língua de sinais.

**1INTRODUÇÃO**

A aquisição de uma língua para a criança tem um processo importante no seu desenvolvimento e na aprendizagem de uma criança surda, mostra como a língua interfere no aprendizado, no comportamento e na adaptação. A língua materna, também chamada de L1, é considerada a primeira língua adquirida por sujeitos surdos ou ouvintes, estando a língua de sinais como L1 dos surdos e o português como L1 de ouvintes.

Depois de várias lutas e movimentos sociais organizados pela comunidade surda, houve reconhecimento da língua com a criação dalei10.436, de 24 de abril em 2002. Esta lei caracteriza a LIBRAS como língua, fazendo com que posteriormente fosse conhecido pelos profissionais na área da licenciatura de maneira obrigatória na grade curricular.

Pensando-se que um sujeito necessita de uma aquisição de língua logo ao nascer e que a forma ideal para o desenvolvimento cognitivo dos surdos seria a língua de sinais como sua L1, traz-se a questão de apresentar a Libras como L1.

Idealiza-se como realidade esta proposta, porém algumas situações levam-se a crer que ainda há um longo trajeto a percorrer para ser executado com êxito a proposta do ensino da LIBRAS como primeira Língua no Brasil.

Para o sujeito surdo, a LIBRAS deve ser dada como primeira língua, sendo atribuída então como recurso e desenvolvimento da literatura visual, tornando a visão como principal fonte de informação.

No ensino da Língua de Sinais, a LIBRAS é uma língua estabelecida, onde as identidades surdas e suas culturas se manifestam e sendo assim, compreende-se que para o indivíduo relacionar-se com seus pares deve-se estabelecer uma comunicação pela linguagem, que deve ser compreendida pelo grupo.

O tema crianças surdas em idade pré-escolar têm sido vistas como importante, pois sabendo-se que existem pesquisas que trazem a questão de que crianças surdas que são alfabetizadas na sua língua materna L1, LIBRAS (língua de sinais brasileira), desenvolvem melhor seu processo aquisitivo do que crianças surdas alfabetizadas em língua portuguesa, L2.

Sujeitos surdos na idade pré-linguísticas aprendem a balbuciar alguns sinais e com isso a importância dos pais adquirirem a língua de sinais (no caso de pais ouvintes), para um estímulo mais eficaz ao bebê surdo, de acordo com QUADROS (1997) apud PETITTO e MARANTETTE (1991).

Para estas crianças em idade pré-escolar adquirir visualmente uma língua visual-espacial, facilitará seu desenvolvimento no futuro quando acessar a escola, afetando o comportamento com seus pares. Sendo detentoras da L1 conseguirão se expressar com mais clareza, aprender os conteúdos com mais facilidade, conseguir desenvolver-se com mais eficácia, por isso, a importância do debate desta temática.

Através de várias pesquisas que evidenciaram que a língua de sinais proporciona maior interação social, melhor expressão de comunicação dentro da comunidade surda, este paper trará a língua de sinais como protagonista na vida da criança com surdez no período da alfabetização, abordara-se o tema “A aquisição da língua de sinais para crianças surdas em idade pré-escolar” e também apresentará algumas pesquisas que referenciam a importância da aquisição da L1 para criança surda e casos empíricos de surdos adultos.

**2 HISTÓRIA DA INCLUSÃO**

Crê-se que aproximadamente em 1985, houve o início dos movimentos da inclusão escolar. Contudo, somente a partir de 1990 que os projetos foram consolidados saindo do sistema teórico e passando para o prático, alcançando então diversos países.  
 Depois de alguns anos ocorreu uma reunião de extrema importância, em Salamanca (Espanha), onde envolveu vários governos e organizações internacionais com o objetivo de promover a educação para todos. A intenção era debater a importância do ensino universal sem exclusão e poder proporcionar um atendimento onde fosse possível suprir as necessidades individuais de cada deficiente. Sendo assim, uma referência relevante e respeitável.   
 A verdadeira inclusão só será efetiva e eficaz quando a sociedade vier a se adaptar adequadamente para receber uma pessoa com deficiência. Contudo, a participação da família, escola e comunidade são extremamente necessárias. A inclusão trata-se de uma proposta social e educacional, envolvendo a todos, celebrando as diferenças e as diversidades, preservando a cultura, condições físicas e mentais, e a história de vida de cada educando, sem perder o princípio de igualdade.

**2.1 PRINCÍPIOS DA ESCOLA INCLUSIVA: TODAS AS CRIANÇAS DEVEM APRENDER JUNTAS**  
 Partindo do princípio, as escolas inclusivas têm o dever de reconhecer e atribuir as carências diversas dos seus alunos. Ainda é comum encontrarmos escolas de ensino regular onde ainda não passaram por apropriações devidas, sendo elas na área da didática, adequação de materiais, estruturação física (criação de rampas que pudessem melhorar a acessibilidade de deficientes físicos, entre outras condições imprescindíveis).  
 O passo primordial a ser dado em sentido a escola inclusiva é compungir e habilitar todos os funcionários e habilitar todos os funcionários da escola: desde professores, orientadores, profissionais da higienização e demais funcionários. Sendo então interessante a sensibilização dos pais, principalmente os não deficientes. Desempenhando então um papel influente na metodologia da inclusão, fazendo com que não seja priorizado um sistema de ensino onde a aprendizagem todavia é individual, e sim coletiva alcançando a família, a escola e a comunidade.  
Embora sejamos principiantes, os primeiros passos para a inclusão devida já foram dados. Assim como uma semente, ela foi plantada e se fortifica no dia a dia. Sabemos ainda que há segregações nas redes de ensino que impedem que as crianças tenham oportunidades e conhecer a vida com todas as dimensões e desafios.  
 “Para a construção de uma escola inclusiva ser bem sucedida, o desafio reside em reconhecer que a inclusão não está restrita à matricula de um aluno com deficiência em uma turma regular ou sua presença na escola. Uma escola inclusiva possui espaço físico apropriado para a convivência entre alunos e um ambiente que favoreça o aprendizado para todos os alunos. A inclusão visa o ingresso e a permanência com sucesso acadêmico de todos. E como promover esse sucesso acadêmico? Respeitando as particularidades de cada indivíduo no processo de ensino e aprendizagem.” (GLAT & Blanco, 2007)

**2.2 IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA**

A família é a base da criança para o futuro, o que ela se tornará é reflexo da família na qual ela cresceu , a forma como a pessoa surda é tratada em casa irá determinar a imagem que ela terá de si mesma (STELLING, 1999), os valores , os costumes próprios daquela família são passados de geração para geração ,se o surdo tiver uma boa socialização dentro da família será mais fácil depois ter uma socialização na sociedade , já o surdo que encontra mais dificuldade dentro da própria família para se comunicar , quando aumentar o seu contato com a sociedade vai ter essa barreira. Para uma boa socialização do surdo é importante o apoio da família principalmente dos pais, para ensinar as diferenças, uma boa aliança familial, segundo Brito e Dessen (1999) é de suma importância para entender e aceitar a deficiência na família e conseguir apoiar essa criança para o seu desenvolvimento. A família é como se fosse a primeira escola da criança , é em casa que se aprender bons modos , ética ,comportamento em sociedade e o início da comunicação , para ouvintes se aprende a língua Portuguesa , já para os surdos é importante que os pais em caso de ouvintes aprendam a língua Brasileira de Sinais (Libras) no caso do Brasil , para que possa incentivar dentro do seio familiar a comunicação por meio da Libras, para que o surdo possa se comunicar de forma tranquila possa entender os outros membros e se fazer entender , por meio da língua é que transmitimos nossos pensamento e sentimento essa barreira de comunicação pode fazer com o que o surdo sinta excluído em caso de famílias que não utilizam a língua de sinais como principal comunicação dentro do lar. Essa dificuldade também foi abordada por Fernandes (1999), que aatribui à falta de identificação da língua, podendo resultar em problemas emocionais, falta de um contato mais próximo e dificuldades para o estabelecimento dos vínculos de afeto.

Dias et al. (2005), Guarinello (2004) caracteriza a família como o lugar ideal para se iniciar o atendimento de base para os surdos, auxiliando o seu crescimento e desenvolvimento pessoal , para que o mesmo possa ter um futuro independente e produtivo e bem sucedido . Na percepção das famílias, o esforço para se comunicar e a disponibilidade para aprender e ensinar também facilitam o convívio com a criança surda, no entanto, esse esforço não costuma ocorrer por parte de todos os membros da família, sendo que, em geral, as mães se comunicam melhor com os filhos e todas conhecem a língua (OLIVEIRA et al., 2004; DIAS et al., 2005).

A chegada de um filho surdo na família causa muitas mudanças na estrutura familiar. Essas mudanças são apontadas como um tempo de adaptação da família à nova situação, como um período que pode ser mais longo e mais difícil conforme a estrutura e características de cada família de acordo com Brito e Dessen (1999). Muitas famílias com a descoberta da surdez da criança passam por momentos de muita angustia, pois vê os planos se alterando em torno de encontrar novas maneiras para auxiliar aquela criança.

Oliveira et al. (2004) observaram que os primeiros momentos da descoberta da deficiência pela família são bastante traumáticos.

A adaptação e a aceitação, por parte da família, de alguma deficiência do filho, quase nunca são tranquilas. As mudanças ocorridas na família não implicam apenas adaptações internas, envolvem também as relações sociais e de lazer de acordo com Oliveira et al. (2004) e Lora (1984). Percebe-se que a maioria das famílias com crianças surdas prefere ficar em casa, não favorecendo o desenvolvimento da criança que precisa se relacionar com a sociedade. Guarinello (2004), por sua vez, não fez referência às dificuldades vivenciadas pelos familiares de surdos, mas foi contundente ao afirmar que a falta de comunicação constitui o principal empecilho no relacionamento entre os filhos surdos e seus genitores. Desta forma destaca-se a importância de aprender a língua de sinais para os pais e como essa aprendizagem é vista com dificuldade pelos pais. Os pais podem procurar por apoio junto as comunidades de surdos , que estão cada vez mais procurando formas de auxiliar essas crianças surdas para um melhor desenvolvimento da língua de sinais e social. Ao comparar uma criança surda que teve pais ouvintes e uma que teve pais surdos , ou teve contato precoce com a língua de sinais e interações significativas , Fernandes (2004) pôde constatar que os desenvolvimentos linguístico e cognitivo dessas crianças não estão prejudicados, seguindo as mesmas etapas e qualidades de uma criança ouvinte, isso reforça que o quanto antes as famílias identificarem a surdez e aprenderem a língua de sinais , melhor será a comunicação com a criança e seu desenvolvimento . Castro (1999) percebeu que após a aprendizagem da Libras a comunicação entre familiares e surdos na língua de sinais melhorou a convivência das mães com os filhos.

**2.3AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Qualquer pessoa surda tem o direito de conseguir comunicar-se com o meio em que convive, por isso deve adquirir uma linguagem para desenvolver-se com eficácia. De acordo com Quadros (2008) uma pessoa deve ser expressar através do sistema complexo e rico para poder interagir socialmente e cognitivamente. A linguagem é uma habilidade inerente ao ser humano e de suma importante para o convívio em sociedade, portanto, para uma pessoa surda é essencial que aprenda a se comunicar na sua língua materna L1, a Libras, gerando assim um convívio social com seus pares, na comunidade surda.

Os estudos da área da língua de sinais, na sua grande maioria, são baseados em pesquisas realizadas por línguas faladas, para posteriormente realizar estudos com a língua sinalizada, pois já se evidenciou que um sujeito surdo adquiri a sua língua, a Libras, da mesma maneira que um sujeito ouvinte a sua língua oral, o português. Após várias pesquisas, verificou-se as diferenças e também as semelhanças entre a língua oral e a língua de sinais. De acordo com Karnopp (1999), a aquisição dos primeiros sinais representa o limite entre os estágios pré-linguístico e o linguístico, sendo que as produções do período linguístico se referem a qualquer sinal do padrão adulto que é articulado pelo bebê em um contexto consistente e que é entendido pelos interlocutores com algum significado.

O período pré-linguístico acontece do nascimento até os primeiros sinais, de acordo com Karnopp (1999), onde ocorre da criança começa a “balbuciar” sinais ainda não específicos, como apontamentos para objetos, uso de gestos, pois ainda não há uma aquisição de linguagem. Conforme a criança vai crescendo, atingindo por volta dos dois anos de idade, começam a surgir os primeiros sinais, com isso a importância de uma estimulação por parte dos seus responsáveis para o bom desenvolvimento desta língua que está sendo adquirindo. Tantos os bebês surdos como bebês ouvintes, até certo estágio apresentando dois tipos de balbucio, o manual e o oral, revelando assim, que a capacidade linguística inata ao ser humano de aquisição de uma linguagem.

Há três aspectos do desenvolvimento infantil: a questão da percepção visual, da produção manual e da importância do input visual. O input em língua de sinais é, obviamente, importante para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Quanto à percepção, inicialmente ocorre contato visual entre os interlocutores e, então, o bebê surdo com a atenção visual voltada para a face do interlocutor, capta indícios sutis no rosto que lhe servirão para atribuir significado aos sinais de sua língua. O uso de expressões faciais, a repetição de sinais e a utilização de movimentos mais lentos e amplos na articulação dos sinais são estratégias utilizadas pelos pais para atraírem a atenção visual dos bebês surdos. Por fim, quanto à produção manual, o período pré-linguístico caracteriza-se, em linhas gerais, pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos sociais (bater palmas, dar ‘tchau’ e enviar beijinhos, etc...) e pela utilização do apontar. (KARNOPP, 1999)

Realizou-se investigações que mostraram que a criança surda após o estágio de apontação, de gestos, que se finaliza por volta dos dois anos de idade, começa a organizar seus pensamentos em gestos, assim iniciando sua sinalização, encaminhando-se para o período linguístico (sistema gramatical da língua de sinais). Começam-se a haver combinações de elementos para a aprendizagem das palavras em língua de sinais, comumente a este aprendizado, há vários erros de colocações de sinais, como aponta Karnopp e Quadros (1999).

**2.4PROCESSOS EMPÍRICOS**

Foi realizado duas entrevistas com pessoas surdas para questionar como foi o processo de aprendizagem de seus filhos surdos com a língua de sinais, relata-se que os bebês já sabem se expressar com sinais e gestos e com isso tentam copiar os gestos dos pais que estão conversando em Libras em uma roda de conversa com os amigos. Relatou-se também que os bebês são muitos espertos, pois a partir de 8 a 10 meses já começam a sinalizar e fazer atividades referentes a sua idade, a reconhecer os sinais utilizados pelos pais, isso pode variar de bebê para bebê, alguns mais rápidos e outros mais demorados. Mas os dois sujeitos surdos relataram que a comunicação a partir de gestos com seus filhos foi de fácil compreensão.

Algumas mães podem buscar o meio de se comunicar através da língua de sinais para entender a necessidade do bebê, pois a linguagem da criança nesta idade, que ainda não sabe falar, é expressada através de gestos e linguagem corporal. Utilizando a linguagem dos sinais podem obter uma comunicação mais efetiva.

Também houve relato que seus bebês aprenderam o primeiro sinal de “mamar” e que após começaram a ensinar outros sinais, estimulando assim uma aquisição da língua desde cedo e contribuindo com seu processo de aprendizagem para sua vida social futuramente.

**3CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que no Brasil, ainda não há, uma conjuntura escolar com projeto pedagógico e político adequado, onde atenda todas as necessidades do aluno, ainda há carência na estrutura física e educacional que auxilie na educação especializada as necessidades da criança com surdez. O benefício é que a sociedade muda com muita rapidez, e há progressos e mudanças contínuas, como pedagógica, social, política e histórica, podendo auxiliar neste processo de valorização da educação especializada. A família contemporânea pouco tem compromisso na educação dos filhos, gerando mais prejuízo para a criança, por isso deve-se haver mais divulgação da língua e seus benefícios sócias e educacionais para o desenvolvimento deste sujeito.

Com isso, conclui-se que a criança surda com base familiar onde a aceitação da surdez é relevante, e aonde há um apoio ao seu desenvolvimento, também que recebe um incentivo do uso da sua língua materna, a Libras, consegue desenvolver-se melhor e chegar a escola mais preparada para o convívio com seus pares. Percebeu-se que crianças com pais surdos tem mais facilidade em adquirir a língua de sinais, devido a convivência em seu ambiente familiar, diferentemente das crianças que convivem com pais ouvintes, pois há mais dificuldade de comunicação, atraso seu processo linguístico.

**REFERÊNCIAS**

QUADROS, Ronice Müller. “Educação de surdos: A aquisição da Linguagem.” Porto Alegre: ARTMED, 2008.

PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller. Aquisição da Língua de Sinais. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf>> acessado em: 10 nov. 2017

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Karnopp_Muller_EducaC3A7ao_infantil_surdos_cero_seis_anos_2001.pdf>>

acessado em: 18 de nov. 2017

Portal da Educação, disponível em:<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/o-papel-da-familia-na-educacao-especial-a-crianca-surda/33870>>acessado em: 18 de nov. 2017

XAVIER, Giane. Papel da família na surdez. Disponível em: <<http://educaincluir.blogspot.com.br/2011/10/papel-da-familia-na-surdez.html>> acessado em: 19 de nov. 2017

BRITTO, Angela Maria Waked de; DESSEN, Maria Auxiliadora*.*Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200012>>acessado em: 19 de nov. 2017

PEDROSA, Eliane Maria Pinto; ABREU, Rosa Constância.Alfabetização e letramento: a experiência de São Luís. **Revista do professor de educação infantil.** Distrito Federal: Ministério da Educação, novembro, 2007.

**Portal Brasil**.Disponívelem: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2010/08/lei-torna-obrigatorio-teste-da-orelhinha-em-bebes>> 2014

BRASIL. Lei Federal nº 12.303, de 2 de agosto de 2010. Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas.

SILVA, Carla Cilene Baptista da Silva; RAMOS, Luiza Zonzini. Reações dos familiares frente à descoberta da deficiência dos filhos. Disponível em: <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.003>>acessadoem:19 de nov. 2017